

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
CURSO PILÓTO DE INDIGENISMO

O PROBLEMA DO RELATIVISMO CULTURAL

Melville J. Herskovits
 Cap. V de MAN AND HIS
 WORKS. Tradução brasi-
 leira: Antropologia Cul-
 tural. Editora Mestre
 Jou.

I

Todos os povos formam juízos acêrca dos modos de vida diferentes dos seus. Quando se empreende o estudo sistênático, a comparação dá origen à classificação, e os especialistas traçaram muitos esquemas para classificar os modós de vida. Emitiram-se juízos morais sôbre os princípios éticos que guiam a conduta e moldam os sistemas de valôres de diferentes povos. Organizaram-se suas estruturas econômicas e políticas e suas crenças religiosas por orden de complexidade, eficácia, desejabilidade. Avaliaram-se sua arte, música e formas literárias.

Tornou-se, entretanto, cada vez mais evidente, que as avaliações dêsse gênero subsistem ou se desmoronam com a aceitação ou não das premissas de que derivam. Mas essa não é a única razão. Muitos dos critérios em que se baseiam os juízos são incompatíveis, de modo que as conclusões tiradas de uma definição do que é desejável não coincidiriam com as baseadas noutra formulação. Um exemplo simples esclarecerá o fato. Não existen muitos modos diferentes segundo os quais se possa estruturar a família primitiva. Um homem pode viver com una mulher ou ter un certo número de espôsas; una mulher pode ter un certo número de maridos. Mas se avaliarmos essas formas do ponto de vista de como se desencumbem da função de perpetuar o grúpo, assegurando a subsistência da criança até atingir a idade adulta, tôdas elas resistirão à prova pragmática. Pelo próprio fato de sua existência, demonstran cumprir sua tarefa essencial. De outra maneira, as sociedades em que funcionam não sobreviveriam.

Tal resposta não satisfará entretanto a todos os que enpreenderam o estudo do problena da avaliação cultural. Que dizer do status do espôso plural, das questões morais inerentes à prática da monogamia em comparação com a pligamia, da adaptação das crianças criadas em famílias, em que, por exemplo, as mães deven competir em benefício dos filhos pelos favores de un marido comun? Sustentando se que a monogamia é a forma desejada de matrimônio, as respostas a essas perguntas serão terminantes. Mas se as considerarmos do pn

to de vista dos que vivem em sociedades diferentes da nossa, torna-se clara a possibilidade de respostas alternativas, baseadas em diferentes concepções do que é desejável.

Vejanos, por exemplo, a vida de uma família plural numa cultura da África Ocidental como a do Dahomey (1). A unidade é um homem e suas esposas. O homem tem sua própria casa, como também a tem cada uma das mulheres, de acordo com o princípio básico do procedimento africano de que duas esposas não podem conviver pacificamente na mesma casa. Os filhos de cada esposa vivem com a mãe. Cada esposa passa, por sua vez, uma semana de quatro dias, própria dessa gente, com o marido comum, fazendo-lhe a comida, lavando sua roupa, dormindo na casa dele durante esse tempo, passado o qual dá o lugar a outra esposa. Seus filhos permanecem na cabana da mãe. A esposa abandona essa rotina durante a gravidez, e, presumivelmente, no interesse da saúde do filho e da sua própria, não repete suas visitas ao marido até que a criança seja desmamada. Isso significa um período de três ou quatro anos, já que as crianças ali nanam dois anos ou mais.

A unidade composta resultante é uma unidade cooperativa. As mulheres, que vendem coisas no mercado ou fazem vasilhas ou cuidam das hortas contribuem para seu sustento. Porém, esse aspecto, embora de grande importância econômica, é secundário comparado com o prestígio que dá à comunidade, e do qual todos os membros participam. Por isso, vemos com frequência, que uma esposa não só pede insistentemente ao marido que adquira uma segunda esposa, como também o ajuda com empréstimos ou donativos nesse sentido. Como o que a mulher ganha é seu e pode dispor dele a seu bel-prazer, e como as mulheres que têm comércio no mercado, gozam de elevada posição econômica dentro das possibilidades dessa sociedade poligâmica, há um apreciável número delas que dispõem de meios abundantes podendo assim ajudar os maridos nos gastos de outro casamento.

É claro que surgem tensões entre as mulheres que vivem numa dessas unidades compostas. Há treze maneiras diferentes de se casar, e numa família ampla, as esposas casadas no mesmo estilo tendem a unir-se contra todas as demais. A competição pelas atenções do marido representa também seu papel, embora isto seja frequente tanto no interesse dos pequenos como por vantagem pessoal. As rivalidades são especialmente ásperas quando várias esposas tratam de influir na escolha de um herdeiro em favor de seus próprios filhos. Entretanto, todas as crianças da unidade brincam juntas e a força dos laços emotivos entre filhos da mesma mãe mais do que compensa as possíveis tensões entre irmãos e irmãs que compartilham o mesmo pai nas são de diferentes mães. Ademais, tampouco falta a cooperação entre as esposas. Realizam-se muitas tarefas comuns em fraterno uníssono e há solidariedade quanto ao interesse das prerro-

gativas das mulheres ou quando se vê aneado o status do marido comum, o pai de seus filhos.

Podemos voltar agora aos critérios que se devem aplicar ao emitir juízos sobre as famílias polígamas por comparação com as monógamas à luz desta descrição da família plural do Dahoney. A estrutura da família em Dahoney é obviamente uma instituição complexa. Se considerarmos unicamente um de seus aspectos, as muitas linhas possíveis de relações pessoais entre os muitos indivíduos que abrange, vemos claramente quão numerosas são as ramificações dos direitos e obrigações recíprocos e, por conseguinte, as áreas concomitantes de segurança e conflito. Sua efetividade é, entretanto, potente. Durante incontáveis gerações, realizou sua função de criar as crianças; e não só isso: a própria extensão do grupo lhe assegura recursos econômicos e uma estabilidade que bem poderia ser invejada pelos que vivem sob outros sistemas de organização familiar. Os valores morais são sempre difíceis de determinar poré^m, ao menos, nessa sociedade, o casamento se distingue claramente das relações sexuais ocasionais e da prostituição também conhecida pelos dahoneyanos. Difere delas por suas sanções sobrenaturais e pelo prestígio que confere, para não falar das obrigações econômicas para com a esposa e os possíveis filhos, explicitamente aceitas por quem contrai casamento.

Inúmeros problemas de ajustamento se apresentam num agregado dessa natureza. Não se pode subestimar o choque de personalidades quando se põem em íntimo contato pessoas de diferente fundo individual. Não é necessário pensar muito para entender a lamentação do chefe de um amplo agregado dêsses ao dizer: "É preciso ser um pouco diplomata quando se tem muitas esposas". Entretanto, as alusões maldosas em provérbios e canções assim como as brigas declaradas não merecem maior consideração que as de uma pequena comunidade rural em que as pessoas também estão obrigadas a conviver estreitamente durante longos períodos de tempo. As pendências entre coesposas não são muito diferentes das disputas de quintal entre vizinhos. E os dahoneyanos, que conhecem a cultura européia, quando falam de seu sistema e o defendem, destacam o fato de que êste permite à esposa individual partos espaçados, o que está de acôrdo com os melhores preceitos da moderna ginecologia.

Assim, pois, a poligamia, quando observada do ponto de vista dos que a praticam, mostra valores não visíveis de fora. A mesma defesa se pode fazer da monogamia, quando atacada pelos que estão endoculturados num diferente gênero de estrutura familiar. E o que é verdade para uma fase particular da cultura, como está, também o é para outras. As avaliações são relativas ao fundo cultural de que surgem.

II

O princípio do relativismo cultural se apóia numa vasta acumulação de dados obtidos mediante a aplicação de técnicas nos estudos de campo, a qual nos permitiu penetrar nos sistemas de valores subjacentes em sociedades de costumes diversos. Este princípio, brevemente exposto, é o seguinte. Os juízos baseiam-se na experiência, e a experiência é interpretada por cada indivíduo em termos de sua própria endoculturação. Aduzindo este princípio, roçanos por muitas questões fundamentais há longo tempo colocadas pelos filósofos. O problema dos valores é uma delas. Os que defendem a existência de valores fixos acharão materiais em sociedades diferentes da sua, que os obrigarão a reexaminar suas hipóteses. Ou ben, existem normas morais absolutas, ou os critérios morais outra coisa não fazem senão canalizar a conduta na medida em que concordem com as orientações de um povo dado num determinado período de sua história!

Aproximamo-nos ainda do problema da natureza última da própria realidade.

Cassirer, na passagem citada, afirma que a realidade só pode ser experimentada através do simbolismo da linguagem. Então, a realidade não é definida e redefinida pelos simbolismos sempre variantes das inúmeras línguas da humanidade?

Respostas a problemas tais na base dos fatos conhecidos que conduzem a uma posição cultural relativista representam uma das mais profundas, embora menos exploradas, contribuições da antropologia para a questão do lugar do homem no mundo. Ao refletirmos sobre o fato de que imponderáveis tais como bom e mau, normal e anormal, belo e vulgar são absorvidos desde a infância, à medida que uma pessoa apreende os modos de conduta do grupo em que nasceu, vemos que estamos tratando de um processo de primeira grandeza. Inclusive os fatos do mundo físico são discernidos através da tela endocultural, de modo que a percepção do tempo, a distância, o peso, o tamanho e outras "realidades" se acham condicionadas pelas convenções de um determinado grupo. Nenhuma cultura é, entretanto, um sistema fechado, uma série de rígidos moldes aos quais se deva conformar a conduta de todos os seus membros. Ao sublinhar a realidade psicológica da cultura ficou ben claro, que uma cultura, como tal, não pode fazer nada. Por sua natureza, reduz-se a uma soma da conduta e dos habituais modos de pensar das pessoas que em tempo e lugar determinados constituem uma sociedade particular. Essas pessoas, como indivíduos, embora graças ao hábito e à aprendizagem se submetem aos modos do grupo dentro do qual nasceram, variam, todavia, em suas reações às situações da vida com que em comum se deparam. Diferem também no grau em que desejam a mudança, como costu-

nam diferir as próprias culturas. É difícil para nós, que vivemos numa cultura em que a mudança é exaltada, conceder valor a atitudes que frisam a estabilidade como um fim almejado. Vemos assim, uma vez mais, que a sonda de condutas a que chamamos cultura é flexível, não rígida, e contém muitas possibilidades de escolha em sua aplicação. Identificar os valores reconhecidos por um determinado povo não implica de forma alguma que eles constituam um fator constante nas vidas das gerações sucessivas do mesmo grupo. Como disse Dewey: "Quaisquer que sejam os elementos constitutivos da natureza humana, a cultura de um período e de um grupo representa a influência determinante em sua ordenação" (2).

Bastam poucos exemplos para mostrar como as idéias de um povo se interpõem até mesmo em sua maneira de encarar o mundo físico. Uns índios que vivem na parte sudoeste dos Estados Unidos pensam na base de seis pontos cardiais e não de quatro. Além das direções norte, sul, leste e oeste, incluem as de "acima" e "abaixo". Tendo em conta que o universo é tridimensional, esses índios são inteiramente realistas. Nós mesmos, na navegação aérea, por exemplo, precisamos considerar as três dimensões numa forma que não é essencial aos que viajam na superfície da terra, e separamos a altura da direção nos instrumentos e em nossa concepção de posição. Operamos, conceitualmente, em dois planos distintos. Um é horizontal ("estamos voando ENE"). Outro é vertical ("estamos voando agora a 8 000 pés"). É raro ouvir dizer "estamos voando ENE a 8 000 pés", exceto nas comunicações do piloto à estação onde se dão com frequência esse e outros fatos psicologicamente díspares. Ou focalizemos os padrões musicais. Aceitamos o conceito de comprimento de onda, afinamos os pianos de acordo com uma escala mecanicamente determinada, e assim ficamos condicionados para o que chamamos o verdadeiro tom. Dizemos que algumas pessoas têm ouvido absoluto; isto é, que dada uma nota ou cantada ao acaso, imediatamente lhe indicarão seu lugar na escala. "Esta é si bemol". Uma composição aprendida num determinado tom, ao ser transportada perturbará profundamente tal pessoa, embora os indivíduos musicalmente preparados, mas que não têm percepção absoluta, fruam, a obra assim transmitida se a relação de cada nota com as demais não tiver sido alterada. Suponhamos que se trata de estudar se essa capacidade de identificar uma nota é um traço congênito, que se encontraria em percentagens variáveis nas pequenas de indivíduos de sociedades diversas. A dificuldade em provar semelhante hipótese aparece imediatamente, uma vez que sabemos que muito pouca gente possui escalas fixas, e ninguém, além de si próprio, tem a idéia do tom exato. Quem vive em culturas sem instrumentos mecanicamente afinados nem verdadeiros pode gozar de notas que se acham desafinadas de mais de um quarto de tom. Quanto às progressões padronizadas em que se es-

tabelecem as escalas típicas e as orientações coerentes dentro de seus próprios limites, é infinito.

O princípio segundo o qual os juízos derivam de uma experiência resultante do processo de endoculturação, tem bases psicológicas firmes. Foi muito bem expressado por Sherif em seu desenvolvimento da hipótese de "normas sociais". Seus experimentos são críticos e fundamentais, e seu conceito acessório do "marco referência", da subjetividade a que se refere a experiência, foi aceito em psicologia social. Por causa de sua importância para uma compreensão das diferenças culturais, ocupar-nos-emos brevemente do trabalho que realizou para provar sua hipótese de que "a experiência parece sempre depender das relações".

Introduziam-se os sujeitos num quarto escuro, no qual, uma luz tênue de duração mecânicamente controlada, se acendia e apagava ao apertar-se um botão. Alguns deles foram levados ao quarto, primeiro sòzinhos, e, mais tarde, como membros de um grupo, enquanto outros foram expostos à situação de um grupo antes de ser provados individualmente. Embora a luz fôsse inóvel, a resposta autocinética a uma situação semelhante é tal que o sujeito percebe o movimento onde não existe, já que, estando o quarto perfeitamente às escuras, não dispõe de ponto fixo com o qual relacionar o movimento. O fenômeno é bem conhecido e, de forma alguma se limita ao laboratório experimental. Ocorre "em qualquer parte em que a um objeto visual que serve de estímulo falte um marco espacial de referência".

Quando o sujeito estava sentado e apertava o botão, a luz fixa durava dois segundos, após os quais êle dizia quão longe lhe pareceu mover-se a luz, já que não sabia que ela estava fixa. Recolheu-se uma centena de juízos de cada um individualmente. Demonstrou-se de maneira concludente que os indivíduos estabeleciam subjetivamente "um âmbito espacial e um ponto (como critério ou norma) dentro desse âmbito, que é peculiar a cada indivíduo" quando não se dispõe de nenhum critério objetivo, e que o âmbito estabelecido persistia nas repetições do experimento.

Na situação de grupo, quando dois e três indivíduos experimentavam êsse estímulo simultaneamente, cada sujeito expunha seus juízos acêrca da amplitude do movimento da luz. O efeito foi gradualmente acumulativo, de maneira que a discrepância dos juízos individuais acêrca da suposta distância percorrida pela luz fêz-se gradualmente menor. Isto se notava mais quando o sujeito começava o experimento na situação de grupo e não ao contrário. Porém, cada grupo estabeleceu uma norma peculiar a êle. A conclusão a que se chegou foi a seguinte: "Quando um membro de um grupo enfrenta logo

a mesma situação, nas sòzinho, depois que o âmbito espacial, o ponto de referência do grupo, foi estabelecido, percebe a situação em termos do âmbito e do ponto de referência que traz da situação do grupo".

O princípio geral a que se chegou com base nesses resultados, e nos de muitos outros experimentos psicológicos relacionados com êsse problema, pode ser expressado com as palavras de Sherif: "A base psicológica das normas sociais estabelecidas, tais como estereótipos, modas, convenções, costumes e valores, é a formação de marcos de referência comuns como resultado do contato de indivíduos. Uma vez estabelecidos tais marcos de referência e incorporados ao indivíduo, entram como fatores importantes na determinação ou modificação de suas reações às situações que posteriormente terá de enfrentar - sociais, e, às vezes, até mesmo sociais —, especialmente se o campo do estímulo não está bem estruturado" (3) isto é, se a experiência é tal que carece de precedentes na conduta habitual.

Inúmeros exemplos na variação dessas normas podem ser encontrados nos livros de antropologia. São tão poderosas, que podem impor-se até mesmo diante de fatos que ao estranho parecem óbvios. Assim muitos povos concebem a relação de parentesco de maneira que, não obstante reconhecer o papel do pai e da mãe na procriação, contam a descendência só por um lado da família. Em tais sociedades, é comum serem as linhas de incesto tão arbitrariamente definidas, que nossos "primos-irmãos" por parte de mãe se conhecem por irmão e irmã e consideram o casamento entre si com grande horror. E, pelo contrário, o casamento dentro do mesmo grau de relações biológicas por parte de pai se pode considerar não só desejável, como, às vezes, até compulsório. Isso devido a que duas pessoas dêsse modo relacionadas, não se consideram por definição, parentes consanguíneos.

A mesma definição do que é normal ou anormal está relacionada com o marco cultural de referência. Pode servir de exemplo o fenômeno de possessão encontrado entre os negros africanos e os do Novo Mundo. A suprema expressão de sua experiência religiosa, a possessão, é um estado psicológico em que ocorre um deslocamento da personalidade quando o deus "baixa" sobre o adorador. Considera-se o indivíduo como a própria divindade. Geralmente, se produz uma transformação completa da personalidade: a expressão facial, o comportamento motor, a voz, a força física e o caráter de suas manifestações verbais apresentam-se inteiramente diferentes do que são quando se trata da própria pessoa.

Êsse fenômeno foi descrito em termos patológicos por mui

tos investigadores, cujo objetivo não é antropológico, por causa de sua semelhança superficial com tantos casos registrados por médicos, psiquiatras e outros. Não é difícil equiparar os transe de tipo histérico - nos quais a pessoa tem os olhos apertadamente fechados, move-se com exitação e presunivelmente, sem nenhum propósito, ou rola pelo chão, pronunciando sílabas sem sentido, ou entra num estado de rigidez - às manifestações anormais neuróticas e até psicopáticas encontradas na sociedade euro-americana.

Se passarmos, entretanto, da conduta a seu sentido, e localizarmos êsses atos aparentemente arbitrário e casuais dentro de seu marco de referência, tais conclusões se tornam insustentáveis. Porque em relação com a situação em que estas experiências de possessão se produzem, não podem ser de forma alguma consideradas como anormais, e muito menos psicopatológicas. Estão modeladas culturalmente, e em geral, induzidas por aprendizagem e disciplina. A dança e outros atos de pessoas possuídas são tão estilizados que quem conhece a religião pode identificar o deus possuidor pela conduta do indivíduo possuído. Ademais a experiência da possessão não parece restringida a pessoas emotivamente instáveis. Os que "recebem o deus" percorrem a gama de todos os tipos de personalidade encontrados no grupo. A observação de pessoas entre os grupos de negros da América interessados nessa religião e que frequentam os cultos", nas que, segundo sua terminologia religiosa, "não têm nada na cabeça", e por isso jamais experimentam a possessão, parece demonstrar que tais pessoas estão muito menos ajustadas do que as que são possuídas. Finalmente, a natureza da experiência da possessão nessas culturas de negros se encontra tão disciplinada, que somente pode acontecer a um determinado devoto em circunstâncias particulares e aparentemente arbitrárias. Na África Ocidental e no Brasil, os deuses baixam somente em quem foi antes designado pelo sacerdote de seu grupo, o qual lhes põe as mãos sobre a cabeça. No Haiti, o fato de um iniciado não membro do grupo familiar que celebra o rito, entrar em transe, se considera como grave "incorrecção social" e sinal de fraqueza espiritual, pois significa que o deus não foi adequadamente propiciado, e, por conseguinte, não está sob o controle de seus adoradores.

Aplícou-se a terminologia da psicopatologia a êsses estados de possessão sem grande rigor. Designações como histerismo, auto-hipnose, compulsão estão na ponta da língua. Se os empregarmos unicamente como termos descritivos, seu uso poderá ser útil na análise técnica do fenômeno da possessão. Porém a conotação que êsses termos implicam de instabilidade psíquica, desequilíbrio emotivo, distanciamento da normalidade, aconselha o emprego de outros termos que não sugiram semelhante deformação da realidade cultural. Porque nessas sociedades de negros, a interpretação dada à con

duta do possuído (o sentido que essa experiência tem para o povo) cai por completo no campo da conduta compreensível, predizível e normal. Essa conduta é conhecida e admitida por todos os membros como algo que pode acontecer com eles mesmos, e merece as boas vindas não só pela segurança psicológica derivada do fato da união com as forças do universo como também pelo status, o lucro econômico, a expressão estética e a libertação emotiva que proporciona ao devoto.

III

O mecanismo primário que funciona na avaliação da cultura é o etnocentrismo. Etnocentrismo é o ponto de vista segundo o qual o próprio modo de vida de alguém é preferível a todos os outros. Como dimana do processo inicial de endoculturação, esse sentimento é conatural à maior parte dos indivíduos, quer o expressem quer não. Fora da corrente cultural euro-americana, particularmente entre povos ágrafos, dá-se mais por tácitamente asentado do que se expressa em termos precisos. Assim sendo, deve-se considerar o etnocentrismo como um fator que opera em favor do ajustamento individual e da integração social. Pois é muito importante o fortalecimento do ego identificando-o com o próprio grupo de alguém, cujos modos são implicitamente aceitos como os melhores. Só quando se racionaliza o etnocentrismo, como ocorre na cultura euro-americana, e se o apresenta como a base do programa de ação em detrimento de outros povos, dá origem a sérios problemas.

O etnocentrismo de povos ágrafos torna-se muito evidente em seus mitos, contos populares, provérbios e hábitos linguísticos. E até no próprio nome da tribo, que a menudo equivale ao de "seres humanos". Porém, raramente, se é que ocorre, se manifesta expressamente que os não amparados pelo nome estão fora da categoria humana. Mas se qualquer maneira, esse costume reflete muito bem a atitude profundamente arraigada que distingue o próprio grupo dos demais. Quando se mostra a um negro surinamense o resplendor de nossas lâmpadas fotográficas, admira-o recordando este provérbio: "A magia branca do homem branco não é magia do negro", com o qual outra coisa não faz senão reafirmar sua fé em sua própria cultura. Dá assim a entender que o estrangeiro, apesar de todos os seus artifícios mecânicos, perder-se-ia na selva tropical da Guiana sem a ajuda de seus amigos negros, que caninham com facilidade entre aqueles perigos.

O mito sobre a origem das raças humanas, referido pelos índios cherokis das montanhas Great Smoky, proporcionam outro exemplo desse gênero de etnocentrismo. Esses índios conhecem brancos e negros. Como todos os índios, têm a pele morena e, como em todas as

mitologias, os atos dos seres sobrenaturais, uma vez executados, são irrevogáveis. Também como na maior parte das mitologias, o homem é a obra mais perfeita do Criador, o qual, neste caso particular, criou-o fazendo primeiro um forno, que acendeu, modelando depois três figuras humanas com a massa que havia preparado. Colocou as no forno e esperou que se cozessem. Porém sua impaciência por ver o resultado do experimento, que coroava sua obra de criação, era tão grande, que retirou uma das figuras depressa denais. Estava lamentavelmente semi-cozida, pálida, de côr desagradável. Porém, boa ou má, ali estava, e dela descende o tipo do homem branco. Sua segunda figura saiu bem, no tempo justo, e da forna por êb ideada. Bem morena, agradava-lhe sob todos os aspectos; essa figura foi o antepassado dos índios. Tanto a contemplou, que se esqueceu de tirar do forno a terceira figura, até que, pelo cheiro, percebeu que se estava queimando. Abriu a porta rapidamente, e encontrou-a carbonizada e negra. Foi lamentável, mas nada se podia fazer; aquêle foi o primeiro negro (4).

É a forma usual de etnocentrismo em muitos povos: insistência sôbre as boas qualidades do próprio grupo, sem nenhuma tendência a estender essa atitude ao campo da ação. Com tal ponto de vista, os objetivos, os modos de conduta sancionados e os sistemas de valores das pessoas com que o próprio grupo entra em contato, podem ser considerados em termos de sua desejabilidade, e logo, aceitos ou rechaçados sem nenhuma referência a padrões absolutos. Porque há modos de cultura que são bons para um grupo e não o são necessariamente para outro; o que outro grupo possa sentir como ruim não é necessariamente mau para um terceiro grupo. O fato de se permitirem essas diferenças na maneira de conseguir objetivos visados em comum sem que se haja emitido o juízo correspondente, nos indica que os que vivem na tradição euro-americana precisam mudar a maneira de pensar a respeito, pois, entre nós, uma diferença na conduta ou nas crenças, com frequência, implica em algo pior, ou menos desejável, e que precisa ser mudado.

A suposição de que as culturas de povos ágrafos são inferiores à nossa é o produto final de uma longa série de evoluções em nossa história intelectual. Não nos lembramos suficientemente de que o conceito de progresso que tanto influi em nosso pensamento, é relativamente recente. É praticamente um produto único de nossa cultura. Faz parte da mesma corrente histórica que desenvolveu a tradição científica e inventou a máquina. O domínio da máquina proporcionado pela ciência e a tecnologia foi que deu à Europa e à América a última palavra nos debates acêrca da superioridade cultural. "O que fabrica a pólvora tem o poder" diz um provérbio dahomeyano. Não existe maneira de repelir êste argumento, apoiado pelo canhão, um povo que defende sua posição sômente com lanças ou arcos.

cos e flechas, e por talvez um fuzil de pederneira. A superioridade tecnológica por si mesma, acarreta considerável convicção, embora não seja tão convincente como às vezes se possa pensar. Qualquer um pode ver que um automóvel realiza a função de atravessar a distância com mais eficácia e menos gastos de esforços que um homem a pé ou a cavalo. Aquilo em que geralmente não pensamos é que a superioridade dessa espécie demonstrável não convencerá necessariamente uma pessoa de outra cultura, de que o monoteísmo seja melhor que o politeísmo. Pode até continuar usando uma enxada depois de se lhe dar a conhecer o arado, precisamente porque prefere seu menos eficaz instrumento. Pode, naturalmente, maravilhar-se ante os nodos estranhos se se lhe depararem muito aniúde e com bastante força. Porém, se não encontra uma resposta satisfatória para seus problemas, será vítima da desnoralização primeiro e da aculturação depois. A aceitação de crenças e valores europeus, aliada à falta de oportunidade para conseguir um modo de vida equitativo sob eles — a situação contraditória mais comum resultante da imposição do domínio euro-americano — provoca desnorteamento, desespero e cinismo.

Com a possível exceção dos aspectos tecnológicos da vida, a proposição de que uma linha de pensamento ou de ação é melhor que outra é muito difícil de estabelecer sobre a base de qualquer critério universalmente aceitável. Vejamos o exemplo dos alimentos. O alimento é necessário ao organismo humano, e nenhum povo que não se aprovisione suficientemente poderá sobreviver. As culturas estão diferentemente equipadas para a produção de alimento, o que faz com que uns povos comam mais que outros. Porém o caso é que, embora no mesmo nível de subsistência, não há nenhum povo que não considere alguns possíveis alimentos como inconvenientes para o consumo humano. O leite, que, com tanta importância, figura em nossa dieta, é repellido como alimento pelos povos da Ásia sul-oriental. A carne de vaca, valioso elemento da cozinha euro-americana, é vista com desgosto pelos hindus. Nem sequer a necessidade muda as coisas. Os milhares de rebanhos existentes nas altas terras da África Oriental são, como veremos, riqueza para conservar e não para consumir como alimento. Somente a vaca que morre é comida, prática que, embora nos repugne, não parece ter prejudicado muito os que vêm seguindo há gerações esse costume.

Os tabus religiosos totêmicos estabelecem todavia novas restrições sobre alimentos disponíveis, enquanto que a recusa ao consumo de outras muitas substâncias comestíveis e nutritivas está simplesmente condicionada pelas circunstâncias da endoculturação. Tão forte é esse condicionamento, que o alimento consumido, sem o saber, contrariando o tabu, pode produzir reações fisiológicas tais

como vômitos e doenças. Todos os animais jovens proporcionam saborosa carne; mas a repugnância religiosa dos maometanos pelo leitão não é mais forte que a nossa secular repulsa pelos bifés de cachorro ou as costeletas de potro. As larvas de formigas e de insetos e os gafanhotos — que contêm calorias e vitaminas — assados ou cozidos, ou mesmo crus, são considerados por muitos povos como verdadeiras iguarias. Entretanto, nós, nunca os comemos, embora estejam também ao nosso alcance. Por outro lado, alguns desses povos que se alimentam disso com gosto, consideram as substâncias enlatadas como impróprias para o consumo humano.

IV

As culturas são geralmente julgadas sob a designação de "civilizadas" e "primitivas". Essas palavras oferecem uma enganosa simplicidade, e todos os intentos de documentar as diferenças nelas implicadas, para estabelecer definições precisas, têm demonstrado ser de insuspeitada dificuldade. E, no entanto, as distinções a que aludem esses dois termos opostos são muito importantes para nós. "Primitivo" é a palavra comumente usada para descrever os povos dos quais mais tradicionalmente se ocuparam os antropólogos, grupos, cujo estudo proporcionou à antropologia cultural a maior parte de seus dados. A palavra "primitivo" prevaleceu quando a teoria antropológica, estava dominada pela tendência evolucionista, que equiparava os povos que atualmente se acham fora da corrente da cultura européia com os primitivos habitantes da terra. Esses habitantes / primitivos, os primeiros seres humanos, podem considerar-se legitimamente como "primitivos" no sentido etimológico da palavra. Porém, é coisa muito diferente designar com a mesma palavra povos contemporâneos. Ou melhor, não há razão para considerar nenhum grupo atual como nosso antepassado contemporâneo.

Manejamos implicitamente essa idéia mais do que o percebemos. Impregna muitos de nossos juízos acerca do modo de vida de povos aborígenes com os que nos pôs em contato a expansão do domínio euro-americano. Quando falamos ou escrevemos sobre os costumes atuais dos índios americanos, dos negros africanos ou dos povos das nares do Sul, empregando o tempo passado, queremos dizer que seus costumes são de certo modo anteriores aos nossos. Tratamos de suas culturas como se fossem permanentes e inutáveis, quando, como vimos, uma das generalizações básicas sobre a cultura é que nenhum corpo de costumes é estático. Não importa quão conservador possa ser um povo; se investigarmos, veremos que seu modo de vida não é o mesmo que nos tempos primitivos. Se reconhecemos, pois, a universalidade da mudança cultural, e admitimos que todos os grupos de homens descendem de uma só fonte, e pensamos nas centenas de milhares de anos que nossos antepassados comuns viveram sobre a terra,

podemos concluir que o passado de todos os grupos compreende incontáveis gerações. Durante êsse tempo, como o evidenciam os restos que a terra nos vai entregando, a regra tem sido a mudança constante, embora talvez lenta. Daí devemos concluir que nenhum grupo atual vive como viveram seus antepassados ou os nossos.

Com o decorrer do tempo, a palavra "primitivo" acumulou outras conotações bem mais avaliadoras que descritivas. Diz-se que os povos primitivos têm culturas simples. Crê-se que são como crianças, ingênuos, pouco complicados. Aceitou-se amplamente a hipótese, que em breve consideraremos, de que os povos primitivos são incapazes de apreciar a realidade se não fôr através de um processo mental especial. Em resumo, chega-se a dizer que as culturas primitivas são inferiores, em qualidade, às civilizações históricas. Aplicam-se lhes qualificativos como "selvagens" ou "bárbaros", baseando-se numa presumível sequência evolutiva de "selvagismo" ou "barbárie" e "civilização".

Um, dentre os muitos exemplos que se poderiam citar, está na extensa investigação sobre a natureza e os processos da mudança na civilização, levada a cabo pelo historiador A.J. Toynbee. Definindo uma civilização como "um campo de estudo que se mostra inteligível dentro de seus próprios limites", e interessando-se pela linha básica "da moderna comunidade nacional ocidental" fala dos povos que ficam fora dessa linha como do "proletariado externo", cujos contatos com uma civilização tendem a rebaixá-la. Nos Estados Unidos, o "proletariado externo" era o índio. Toynbee fica assombrado com a poderosa influência exercida pelo índio na modificação dos modos de vida dos homens da fronteira norte-americanas, mediante o que se chama de "barbarização" dos costumes europeus. "Se recordarmos a inicial disparidade, e isto tanto em cultura espiritual como em força física, entre os que vieram da Europa e construíram esta nova nação e os aborígenes americanos que êles foram varrendo à sua passagem....., não podemos deixar de nos assombrar com a poderosa influência exercida por uma barbárie que retrocedia ante uma civilização invasora... animada pela força de iniciativa e protegida por todo o peso do corpo social do cristianismo ocidental em seu lar europeu". Ao falar da influência dos "bárbaros da África Ocidental" na arte moderna, diz Toynbee: "Êsse triunfo de uma arte negra nos estados setentrionais da América e nas comarcas ocidentais da Europa representa uma vitória muito mais notável para a barbárie do que a barbarização progressiva da efígie e inscrições helênicas das moedas do rei Felipe, no decorrer da longa e lenta viagem de cunho helênico das margens do Strymon às do Tâmis na Última Thule. Aos olhos do leigo, a fuga para Benin (centro de arte africana) e para Bisâncio parecem pouco propícios para que o

decadente artista ocidental recobre sua alma perdida".(5)

Apesar de todos os arrazoados filológicos e da inensa erudição que contém a enorme obra da qual se tiraram essas citações, vê-se claramente, que tais asserções outra coisa não fazem senão revelar os preconceitos do autor, e verenos que os empréstimos, mecanismo, básico de intercâmbio cultural, são inevitáveis em todo contato entre povos. Não é nada raro que um grupo dominante seja influenciado pelos costumes do dominado. Qual foi a "disparidade inicial na cultura espiritual" que serviu de contrapêso aos canhões e obuses trazidos pelos "chegados da Europa" contra os índios? Torna-se patente que a caracterização do selvagem como criatura que vive em anarquia, sem restrições morais e sem sensibilidade, é uma vulgar caricatura. O que aconteceu na América não deve "espantar" o investigador da cultura. Dever-se-á supor que se produziria um intercâmbio de costumes entre europeus e índios, apesar da disparidade de tamanho, poder e até de capacidade de sobrevivência dos grupos.

Algumas das particularidades que se costumam assinalar concretamente para caracterizar modos de vida "primitivos" ou "selvagens" são muito discutíveis. O que é, por exemplo, uma cultura "simples"? Os aborígenes da Austrália, considerados geralmente como um dos povos mais "primitivos" da terra, têm uma terminologia do parentesco e um modo de enumerar os parentes, nela baseado, tão complexo, que durante anos resistiu aos intentos de análise dos investigadores. Diante dela, nossa terminologia apresenta-se insignificante, pois não distinguimos entre avós paternos e maternos, ou entre irmãos mais jovens ou mais velhos, e designamos dúzias de diferentes parentes com a mesma palavra "primo". Os nativos do Peru, antes da conquista dos espanhóis, faziam tapeçarias de mais finotecido, tingido de cores menos sujeitas a desbotar, que qualquer das merecidamente louvadas tapeçarias de Gobelin. A visão do mundo dos africanos tem muito de comum com a tão ponderada visão do mundo dos gregos; os mitos épicos dos polinésios impressionam por sua complexidade a quem se der ao trabalho de familiarizar-se com eles. Estes e muitos outros exemplos mostram que uma pretensa raça "primitiva" não segue modos de vida necessariamente simples. Demonstram também que os chamados povos "primitivos" não são nem infantis, nem ingênuos, nem pouco complicados, para citar as qualificações mais empregadas por aqueles que não dispõem de experiência de primeira mão sobre tais povos, nem se deram ao trabalho de os conhecer através de informações contemporâneas que narram sua maneira de viver.

Tampouco se pode atualmente afirmar, que esses povos "primitivos" não podem distinguir entre a realidade e o sobrenatu-

ral, como sugeria a teoria de sua presumível "mentalidade pré-lógica" exposta pelo filósofo francês Lévy-Bruhl (6). Porque os fatos referentes a muitas culturas demonstram que não há nenhum povo que às vezes, deixe de pensar em termos de causação objetivamente provável, e nenhum que às vezes não formule explicações que relacionam um fato com uma causa aparente. O que o estudo comparado da cultura ensina, baseando-se no contato de primeira mão com muitos povos, é que todos os povos pensam partindo de certas premissas que se dão por aceitas. Qualquer que seja a cadeia de arrazoados que emprega, a lógica é ditada por aquelas suposições. Concedidas as premissas, a lógica é impecável.

Ao desenvolver a teoria da mentalidade primitiva, acentua-se a predominância da magia ou das crenças chamadas totêmicas, nas quais um grupo de parentes reconhece que descende um animal ou planta comum, cujo nome tomou. Os que estudaram este último fenômeno em campo, não impressionam com o argumento de que, graças a tais crenças, os nativos não podem distinguir claramente entre um animal e seus pretensos descendentes. Ademais, a maior parte da vida de qualquer povo decorre num plano em que as idéias de causação ou as explicações do universo, contam muito pouco. Nos aspectos familiares da vida manifesta-se o que se poderia chamar "sentido obstinado da realidade". Com exceção dos nomes, a seguinte passagem da autobiografia de um índio navajo na qual ele fala da última doença de seu pai soa como inteiramente familiar aos ouvidos acostumados ao raciocínio de uma tradição mecanicista.

O ancião Hat disse: "não creio que sararei. Não creio que viverei muito tempo. Isso é o que eu sinto de mim, pelo aspecto que apresento, Fito-me a mim mesmo e não há nada em mim, não há carne, não há senão pele e osso. É por isso que acho que não viverei muito... Quando comer, já sabeis que não posso comer nada que seja duro, só coisas tenras, algo que possa engolir. Mas não comerei muito, só dois ou três bocados. Porém, posso beber bastante água"..

O parente Choclays disse: "Embora estejas dêsse jeito, meu velho irmão, farás melhor em comer o tempo todo. Isso te dará forças. Se não o fizeres, com certeza, te enfraquecerás. Embora estejas tão fraco e não possas comer, tenta comer e engolir algo. De um modo ou de outro precisas vencer a doença. Se não te alimentas, vais-te acabar". Disse isso e foi embora e eu saí com o gado (7).

Logo percebemos o raciocínio sensato desta passagem. Vejamos outro exemplo em que a explicação de um fenômeno se baseia na premissa muito diferente do que consideramos um fato científico. Tomamos como exemplo uma crença muito difundida na África Ociden-

tal: a de que o filho mais joven é mais inteligente do que seus irmãos e irmãs mais velhos. A crença apóia-se na observação de que os filhos tendem a parecer-se com os pais, e no fato também observado de que, à medida que um homem ou uma mulher envelhece, sua experiência aumenta. Semelhantes fatos podem parecer-nos sem relação entre si, porém não ao africano ocidental. Observa que quando nasce o primeiro filho os pais são mais jovens e, têm, portanto, menos saber que quando seus irmãos e irmãs surgem em cena. Raciocina que a maturidade lhes permite transmitir aos jovens, e especialmente, ao caçula, uma consciência mais alerta. Considera-se, pois, que a criança ultrapassa os irmãos em astúcia. A lógica desse raciocínio é impecável. Para rebater a conclusão teríamos que pôr em dúvida as premissas.

Na verdade, é preciso reconhecer que todos os seres humanos, incluindo nós próprios, pensam às vezes, "pré-lógicamente". Relativamente, poucas pessoas seguem em nossa cultura a norma do pensamento científico de raciocinar a partir da causa objetivamente estabelecida até chegar a seus efeitos, da qual tanto nos orgulhamos. Nem tais pessoas pensam logicamente o tempo todo. Em ocasiões especiais, quando estão trabalhando em seus laboratórios, em pregam a lógica rigorosa da ciência. Porém, fora delas, entram em jogo categorias inteiramente distintas, como ocorre quando um homem de ciência pensa em termos de "sorte" na vida social, ou rende homenagem a alguma representação simbólica de poder ou de graça.

A suposição de que todos os chamados "primitivos" ou "selvagens" têm muitas características comuns quando se compraram com povos "civilizados", é outra expressão da tendência para avaliar culturas. Na realidade, a diversidade de conduta entre os muitos povos chamados "primitivos" é muito maior que entre os poucos chamados "civilizados". Assim, ocorre que na área econômica da vida nos deparamos com povos "primitivos" de economia monetária igual a dos "civilizados", outros que praticam a troca, e outros ainda, que são economicamente auto-suficientes e em absoluto não comerciam. Numerosas formas de casamento e de tipos de família, incluída a monogamia, são encontradas nas sociedades "primitivas". Algumas conhecem o totemismo, porém, são mais as que não o conhecem. Unas têm o sistema de clã; muitas não o têm. Algumas contam a descendência pelas duas linhas paterna e materna, como nós; outras a contam só por linha paterna; outras pela materna. E assim poderíamos continuar com instituições de todo gênero, e com muitas das condutas habituais, tropeçando sempre com diversidades. O que quer que signifique a palavra "primitivo", não compreende nenhuma unidade de costumes, tradições, crenças ou instituições.

Em obras de antropologia, as palavras "primitivo" ou

"selvagen" — a última é empregada, principalmente pelos escritores ingleses, como sinônimo de "primitivo" — não têm a conotação que possuem em obras tais como a de Toynbee, ou outros escritos de autores não antropólogos. Quanto à palavra "bárbaro", a maior parte dos antropólogos absolutamente não a emprega. Os antropólogos empregam a palavra "primitivo" ou "selvagen" para assinalar povos exteriores à corrente de cultura euro-americana e que não possuem linguagem escrita. Reiterando esta significação esperava-se que eliminassem todas as demais conotações, e que ela já não significaria algo assim como simples ou ingênuo, nem serviria para descrever totalmente, fora do fato de carecerem de escrita, civilizações tão diferentes como a dos siberianos pastores de renas ou a do império de Lunda no Congo.

Foram propostas várias expressões para substituir a palavra "primitivos". "Ahistóricos", que é uma delas, não encontrou muita aceitação. Implica que a ausência de história escrita equivale a não ter absolutamente história, o que não se pode dizer de nenhum povo existente no tempo. "Pré-letrados" — sem escrita — encontrou maior aceitação, porém, pode-se objetar que o prefixo pré contém um significado temporal que permite uma predição: É uma nova versão do conceito "antepassados contemporâneos", já que implica que os povos que não têm linguagem escrita estão num estado anterior a outro no qual, provavelmente, inventarão a escrita. A terceira forma ágrafos, assinala simplesmente o fato de que esses povos não têm linguagem escrita. Confunde-se às vezes, com "iletrados", porém não sei se deveria empregar essa palavra, já que traz consigo uma conotação de inferioridade em capacidade ou oportunidade, ou em ambas. Ágrafo, como expressão incolor, traz um significado unívoco, e é realmente aplicável aos povos que se pretende delimitar, e por isso a preferimos a todas as demais expressões. É a que empregaremos neste livro.

A questão que a seguir se coloca é a de saber se qual quer critério singular como a presença ou ausência de escrita é adequado para descrever os muitos povos que tenta compreender. Sua pertinência é corroborada por sua evidente utilidade, embora seja claro que nenhuma característica isolada seja idealmente satisfatória para designar culturas inteiras. É preciso reconhecer que, comumente, outras características acompanham a ausência de escrita. Os povos ágrafos costumam estar relativamente mais isolados, abrangem menor número de indivíduos e são menos adictos a mudanças rápidas em seus modos sancionados de conduta que os que conhecem a escrita. Ademais, nas recentes gerações, teve-se que destacar a cultura euro-americana, não só das culturas ágrafas como também das culturas que, fora da Europa e da América, conhecem a escrita dev

do à presença de uma tecnologia baseada no poder da maquinaria e na tradição científica. Mas é preciso reconhecer que nenhuma dessas diferenças, exceto ocasionalmente a última, é tão claramente / manifesta como a ausência ou presença de escrita.

V

Antes de terminar o exame do relativismo cultural, temos que considerar certas questões surgidas da posição cultural relativista. "Pode ser verdade — argumenta-se — que os seres humanos vivem em concordância com os modos de vida que aprenderam e que consideram como os melhores. Um povo pode ser tão adicto a esses modos de vida que esteja disposto a lutar e morrer por eles. Também se pode reconhecer sua efetividade em termos de valor de sobrevivência, posto que o grupo que vive de acordo com eles continua existindo. Mas não quererá isso dizer que todos os sistemas de valores morais, todos os conceitos do certo e errado, estão fundados em areias tão movediças, que não há necessidade de moralidade, de conduta própria, ou de códigos éticos? Será que uma filosofia relativista implica sua negação?"

Afirmar que os valores não existem porque são relativos ao tempo e lugar, ou negar a validade psicológica de divergentes conceitos da realidade é ser vítima de um sofisma resultante de não levar em conta a contribuição positiva da posição relativista. Porque o relativismo cultural é uma filosofia que, ao reconhecer os valores estabelecidos por cada sociedade para guiar sua própria vida, insiste na dignidade inerente, a cada corpo de costumes e na necessidade de tolerância perante convenções diferentes das nossas. Em vez de sublinhar as diferenças relativas à normas absolutas que, embora objetivamente alcançadas, nem por isso deixam de ser um produto de um tempo ou lugar determinados, o ponto de vista relativista a validade de cada série de normas para a gente por elas guiada, e a dos valores que representam.

Como o expressou um filósofo que estudou o problema do relativismo cultural: "... a virtude não é algo que o indivíduo possa possuir ou desfrutar independentemente de sua relação com seus companheiros. Um homem só se pode fazer e ser verdadeiramente homem através da cultura e sua participação nela. A harmonia interior constituída por sua virtude deve corresponder à superior harmonia de sua vida com os demais. Os critérios de virtude devem ser sempre relativos à cultura, e isso se aplica tão de cheio à nossa própria distinção entre justo e injusto, certo e errado, como aos critérios de qualquer povo primitivo". Até no aparente dilema colocado pelo fato de que a ciência, modo único de chegar objetivamente a uma verdade garantida, transcenderia os limites de toda con-

venção cultural, é preciso reconhecer o pêso da corrente cultural que torna difícil tôdas as conquistas científicas. "Se a maneira científica de pensar só se pode sustentar por meio do contínuo crescimento e auto-regeneração, também é verdade que só pode sobreviver numa ordem social impregnada por sua própria fé filosófica e pela paz de transcendência cultural. Privada a ciência física dessas condições, murcharia como uma planta cortada pela raiz" (8).

Ao considerar o relativismo cultural é essencial diferenciarmos os absolutos dos universais. Os absolutos estão fixos, e pelo que às convenções se refere, não se admite que tenham variação nem difiram de cultura para cultura, nem de época para época. Por outro lado, os universais são os mínimos denominadores comuns que se podem tirar indutivamente da compreensão do âmbito de variação que manifestam todos os fenômenos do mundo natural ou cultural. Se aplicarmos essa distinção, veremos que essas críticas perdem sua força. Dizer que não há nenhum critério absoluto de valor ou de moral, ou ainda psicologicamente, de tempo e espaço, não significa que tais critérios não contenham em formas diferentes os universais da cultura humana. Veremos já como se reconhecem em toda parte certos da vida humana, embora não haja duas culturas cujas instituições sejam idênticas na forma. A moralidade é universal, assim como também o prazer estético e algum critério da verdade. As diversas formas adotadas por esses conceitos não passam de produtos da particular experiência histórica das sociedades que os manifestam. Em cada uma, os critérios estão sujeitos a contínuas interrogações e mudanças. Porém, as concepções básicas, permanecem para canalizar o pensamento e dirigir a conduta para dar um sentido à vida.

Evidenciar-se-á mais adiante quão dinâmica pode ser a cultura. Quer por invenção interna, quer por empréstimo de fora, as culturas mudam constantemente, não só em sua totalidade, como em cada um de seus aspectos. Pode-se resistir às mudanças ou dar-lhes boa acolhida. Neste processo, o indivíduo muda sua atitude para com os imponderáveis da cultura não menos que para com os objetos materiais de seu mundo. A moral, a visão do mundo de uma época não são idênticas às da próxima, como o demonstra a simples observação de nossa própria história. E, no entanto, sua validade na época é tal, que, com demasiada frequência, entender uma mudança torna-se difícil para o homem que nela vive.

Podemos de maneira semelhante rebater a afirmação de que o relativismo cultural nega a força dos códigos que prevalecem nem tempo dado e numa cultura dada. O homem, onde quer que seja, estabelece metas para si e ideais para os quais tende. O fato de estas serem submetidas à mudança, ou diferirem de povo para povo não es

torna menos efetivos numa sociedade particular durante o período em que prevalecem. Cada povo que dispõe de seus critérios e padrões não somente os inculca nos jovens para que cada geração seja endoculturada nos sistemas de valores de seus predecessores, como pune as transgressões dos códigos consagrados. A lei, não menos que a educação, é um dos universais da cultura, que em cada sociedade sanciona os modos de conduta e sublinha seus valores. No entanto, toda cultura conhece o tipo do rebelde, o que significa que é a experiência do homem que abrange todas as mudanças culturais assim como a estabilidade cultural.

Podemos discutir a questão de outro modo. É preciso distinguir agudamente entre relativismo cultural e a relatividade da conduta individual, que equivaleria a negar todo controle social sobre a conduta. Viu-se que em toda sociedade humana existem forças morais integrantes. Toda regularidade da vida exige a conformidade com o código do grupo. Entretanto, a conformidade de nossa gente com o código de nossos dias não significa que devemos abrigar a mesma esperança a respeito de pessoas que vivem de acordo com outro código, e muito menos que lhes possamos impor a conformidade com o nosso. O próprio núcleo do relativismo cultural é a disciplina social que respeita as diferenças, é o respeito mútuo. Sublinhar o valor de diversos modos de vida, e não o de um só, significa afirmar os valores de cada cultura. Tal ênfase procura compreender e harmonizar os diversos fins, não julgar a destruir os que não sejam congruentes com os nossos. A história cultural nos ensina que se é importante estudar os paralelismos nas civilizações humanas, não o é menos discernir e estudar as diferentes maneiras ideadas pelo homem para satisfazer suas necessidades.

O fato de ter sido necessário debater questões tais como a suscitada pelo relativismo cultural é um reflexo de nossa experiência endoculturada na qual se acenham os absolutos. Estes problemas só poderiam ter sido colocados por aqueles que foram preparados por uma cultura tal como a nossa, na qual os sistemas de moral que prevalecem não se limitam a ser inculcados conscientemente, mas proclamam seu valor exclusivo de excelência. Não há, por exemplo, muitas culturas nas quais se insista numa rígida dicotomia entre o bem e o mal, tal como nós a estabelecemos. Mas se admitte que o bem e o mal não passam dos extremos de uma escala continuamente variável entre cujos pólos se produzem os graus diferentes de cinzento. Voltamos assim ao princípio anteriormente enunciado de que "os juízos estão baseados na experiência, e que a experiência é "interpretada por cada indivíduo na base de sua endoculturação". Numa cultura em que se exaltem os valores absolutos, o relativismo de um mundo que abrange muitos modos de vida será difí-

cil de compreender. Oferecerá antes um terreno para juízos de valor cuja base é a proporção em que um dado corpo de costumes se assemelhe ou difira dos próprios da cultura euro-americana.

Não é por casualidade que uma filosofia de relativismo cultural como a sunàriamente esboçada tenha precisado esperar o desenvolvimento de um suficiente conhecimento etnográfico. Enquanto os costumes dos povos não puderam ser estudados na base de sua própria textura de valores, não cabia outra solução senão avaliá-los na base do etnocentrismo do julgador. Porém, graças a técnicas eficazes e ao amplo caudal de dados, torna-se possível a humildade refletida na tolerância da atitude cultural relativista e sua amplitude de visão.

O emprêgo dos métodos científicos aplicados nas investigações de campo e o conhecimento que temos de que diversos corpos de costumes procuram satisfação para os grupos humanos, permitem-nos sair do pântano etnocêntrico em que nosso pensamento acerca dos últimos valores por tanto tempo chafurdou. Dispondo de meio para investigar as mais discrepantes orientações culturais e para adentrar-nos no significado dos nodos de vida de povos diferentes, podemos retornar à nossa própria cultura com uma perspectiva nova e uma objetividade que de outro modo não alcançaríamos.

Notas

- (1) Cf. M.J. Herskovits, 1938b, vol. 1, pp. 137-55, 300-51.
- (2) J. Dewey, 1939, p. 18.
- (3) M. Sherif, 1936, pp. 32, 92-106.
- (4) Esse nito foi relatado ao Dr. F.M. Olbrechts, de Bruxelas, durante um trabalho de campo entre os cherokees. Devenos agradecer-lhe por tê-lo divulgado.
- (5) A.J. Toynbee, 1934-9, tomo V, pp. 373, 479-80, 482.
- (6) L. Lévy-Bruhl, 1923, 1926.
- (7) W. Dyk, 1938, p. 269.
- (8) Grace A. de Laguna, 1942, pp. 161-6.

1º PONTO : DEFINIÇÃO E CONCEITUAÇÃO DE MUSEU

Origem etmológica da palavra MUSEU

MOUSEION - do grego - templo dedicado às Musas e local destinado às manifestações culturais .

MUSEUM - romano = gabinete ou sala de trabalho dos homens de letras e ciências .

MUSEU - No século IIIº A.C. Ptolomeu assim denominou a parte do seu palácio, em Alexandria, onde se reuniam sábios, filósofos célebras do seu tempo ; local que era anexo à famosa Biblioteca da Antiguidade destruída por um incêndio .

O esquecimento do termo empregado em Alexandria não impediu que se reunissem obras de valor por toda a Antiguidade, Idade Média e Renascença .

ANTIGUIDADE - tesouros das tumbas dos faraós, objetos de arte dos santuários greco-romanos.

IDADE MÉDIA - coleções se ampliam sob domínio igreja; conventos e abadias se convertem em verdadeiros museus de pinturas e objetos de arte .

RENASCENÇA - No século XV revive o interêsse pelas coleções particulares . Reunem-se , indistintamente, objetos reliquias, plantas, minerais, curiosidades animais. Algumas coleções se tornaram famosas - Exps- Mas perdurava, ainda, o conceito de " casa de guardados " " casa de velharias ", servindo apenas a uma determinada classe social . Sómente no século XVIII é que a expressão MUSEU volta a ser usada, quando a Revolução Francesa, nacionalizando os bens da corôa , abre o Museu do Louvre em 1793 .

Essa progressiva renovação no sentido das " coleções particulares " não é acompanhada por uma mudança de finalidade : o museu continua inacessível, privilégio de classes e a importância social - uma das razões de sua criação - não é reconhecida : continuam simples amontoados de objetos ; expõem-se coleções sem critério seletivo-didático .

Modificação desta mentalidade só se verifica no século XIX a revolução industrial e o progresso social abrem novas perspectivas e esses estabelecimentos tornam-se ativos, dinâmicos , a finalidade educativa se desenvolve .

Atualmente podemos definir museu na definição proposta pelo Seminário Latino Americano da UNESCO ICOM :

Museu então grupa sob mesmo teto, para comodidade do público objetos primitivamente dispersos no tempo e no espaço ; identifica esses objetos ~~em~~ ajuhtando-lhes notas explicativas ; expõe suas coleções, usando técnica adequada, para que o visitante tenha desejo de aprender, sinta prazer em estudá-las .

Como proceder para tornar o Museu instituição agradável e perfeita é matéria que trataremos no decorrer deste curso .

MUSEOLOGIA - ciência que tem por objeto estudar as funções e a organização dos museus .

MUSEOGRAFIA - conjunto de técnicas, regras, princípios e conhecimentos indispensáveis à organização e funcionamento de um museu .

CLASSIFICAÇÃO DOS MUSEUS

1) Segundo natureza das coleções

ARTISTICOS	artes gráficas pintura escultura artesanato arte industrial		
HISTÓRICOS	arqueológicos biográficos etnográficos militares numismáticos	CIENTIFICOS	astronômicos geológicos biológicos zoológicos

2) Segundo o gênero de administração

ESTADUAIS - sob controle do Estado

MUNICIPAIS - sob controle do Município

FEDERAIS - sob controle da União .

PAPEL MODERNO DOS MUSEUS

Na sua origem o Museu limitava-se a tarefas de conservação em benefício de uma sociedade restrita de artistas, sábios e nobres . Atualmente 3 palavras podem resumir o programa de um museu moderno :

INVESTIGAÇÃO - investigar nos domínios a que se propõe o museu (artístico, histórico e científico) para transmitir noções cientificamente válidas ; EXPOSIÇÃO expôr como meio de difusão próprio do museu e utilizando técnica museográfica adequada, objetos que documentem esses conhecimentos ; EDUCAÇÃO educar através de uma ação cultural dirigida .

.....

2º PONTO - ADMINISTRAÇÃO DE MUSEUS

TAREFAS A CUMPRIR PARA QUEM DESEJA FUNDAR UM MUSEU :

- 1) receptividade do meio ambiente , se responde ao interêsse geral da coletividade ;
- 2) constituição jurídica, em harmonia com leis e regras administrativas vigentes no país ;
- 3) elaboração de regulamentos e estatutos que providenciam sôbre o funcionamento da instituição nascente .

Todas essas medidas são indispensáveis pois dará ao museu a garantia de uma constituição orgânica e validade de seus atos, assegurando seu funcionamento normal .

Importância e valor dos bens culturais que um museu possa reunir e o papel que desempenha na comunidade e a relação com o ESTADO .

Numero e natureza dos serviços de um museu, bem como efetivo humano a ser empregado, ~~xxxxxxx~~ variam de acôrdo com a categoria da instituição .

<u>SERVIÇOS E</u> <u>PESSOAL</u> <u>ADMINISTRATIVO</u>	Secretaria	Secretário Oficial Administrativo Escreventes datilógrafos
	Tesouraria	Contador Tesoureiros
		Relações Públicas - Jornalistas
<u>SERVIÇOS E</u> <u>PESSOAL</u> <u>TÉCNICO</u>	Serviços de Conservação	numeração inventário conservação e CONSERVADOR limpeza de coleções
	Pesquisa	historiador naturalista critico de arte ceintista em geral
	Serviço de Documentação	Biblioteca Mapoteca Fototeca Fílmoteca Iconografia Bibliotecários Manuscritos Arquivistas Documentos Publicações Desenhistas

2º PONTO (cont...)

SERVIÇOS E

PESSOAL

TÉCNICO

(cont...)

Serviços
Educativos

cinema educ tivo
visitas guiadas
conferências

Professores
~~Psicólogos~~
Psicólogos
Tec. Educ.

Outras Categorias
de pessoal técnico

Restauradores

pintura
escultura
madeira

Taxidermistas

Laboratolistas

Serviços de Segurança
e Limpeza

vigias
guardas
serventes
porteiros

Serviços de
Transporte

Motoristas
Mecânicos

SERVIÇOS

GERAIS

Oficinas

carpintaria
eletricidade
embalagem
pintura

CONCLUSÕES

3º PONTO : AS COLEÇÕES : Principios gerais de organização

DEFINIÇÃO : as coleções sejam elas artisticas, históricas ou científicas formam o patrimônio essencial de um museu .

<u>MEIOS</u>	Aquisições	a titulo oneroso - compra de objetos
		a titulo gratuito : doações legados
<u>DE</u>	" Depositos "	
<u>AMPLICAÇÃO</u>	Permutas	
	Expedições científicas	
	Excavações em jazidss arqueológicas	

O problema das doações | obrig toriedade de exposição ;
exposição como um todo indissolúvel

O prejuizo de expôr permanentemente | Obstáculo à estrutura lógica da exposição ;
Prejudicial à conservação física dos objetos face exp posição prolongada à luz

QUE ATITUDE TOMAR QUANDO OBJETOS NÃO INTERESSAM AO MUSEU ?

CATEGORIAS DE COLEÇÕES : Há duas categorias :

PRINCIPAIS : que são as que interessam aos objetivos básicos do museu .

SECUNDÁRIAS : que são as formadas pelos objetos repetidos (duplicatas - series truncadas etc)

Como proceder essa seleção :

- 1- raridade do bojeto ;
- 2- qualidade do objeto;
- 3- importância do objeto dentro da coleção
- 4- estado de conservação .

DEPÓSITOS

Conceito antigo de exposição : totalidade de coleções expostas, ocasionando como consequência acúmulo de objetos nas ~~xxxx~~ salas de exposição e confusão e dificuldade de compreensão da mostra museológica .

Conceito moderno de exposição : nova orientação no arranjo das exposições que se traduz numa regra flexível : EXPÔR POUÇO - EXPÔR BOM - EXPÔR BEM . Qualidade sobrepondo-se à quantidade .
Toda existência de um museu se distingue funcionalmente em :
coleções expostas e não expostas .

COLEÇÕES NÃO EXPOSTAS	<u>Depósitos</u>	reservas propriamente ditas coleções de estudo
-----------------------	------------------	---------------------------------------------------

3º PONTO (cont...)

COLEÇÕES DE ESTUDO - são coleções complementares das coleções principais postas à disposição de cientistas, estudantes, técnicos, pessoas cultas que não satisfeitos com os elementos reunidos nas salas de exposição pretendam estudar qualquer assunto com maior amplitude, interêsse ou pormenor.

FORMAÇÃO DAS COLEÇÕES DE ESTUDO - com série de objetos, possibilitando comparações de estilos, técnicas ou de fabrico, conforme a natureza da coleção.

CLASSIFICAÇÃO COLEÇÕES DE ESTUDO - o modo como ordenar as "coleções de estudo" cada museu empregará os recursos que possa dispor a fim de satisfazer as exigências de conservação, segurança e consulta fácil e um sistema de classificação que coloque as duas coleções (a principal e a de estudo) numa relação de dependência e complementação.

RESERVA PROPRIAMENTE DITA - é uma dependência arrumada cujos objetos estão sujeitos a determinada ordenação em geral; aplica-se o critério histórico em conjuntos de épocas, estilos, ou divisões por matérias primas (orgânicas e inorgânicas)

CONSERVAÇÃO E LIMPEZA DE COLEÇÕES: A recepção dos objetos no Museu se faz em diversas matérias primas:

<u>ORGÂNICAS</u>	madeira		
	osso		insetos
	marfim		bêlor
	penas	atacadas	môfo
	couro		fermentação
	pele		decomposição natural
<u>INORGÂNICAS</u>	METAL - Oxidação		
	CERÂMICA - quebra		
	VIDRO		

CUIDADOS GERAIS: Irrepreensível limpeza no local destinado à guarda de coleções, bem arejado, e iluminado. Quando vasio permite-se dedetização. Contra humidade utilizar a silica gel.

4º PONTO : AS COLEÇÕES : NUMERAÇÃO E INVENTÁRIO

Distinção entre inventário científico e inventário administrativo das coleções; enquanto o 1º é tarifa exclusiva do Conservador, o segundo é da alçada dos órgãos administrativos do Museu.

NUMERAÇÃO : é o complemento indispensável do inventário, é o nº sob o qual foi classificado o objeto. Há várias maneiras de numerar as coleções :

MANEIRAS PERMANENTES : se a coleção foi comprada, doada, legada ou permutada (etiquetas definitivas)

MANEIRAS TEMPORÁRIAS - se a coleção foi " depositada " (etiquetas temporárias).

MODOS PERMANENTES DE NUMERAÇÃO - Para objetos claros feitos em madeira, cerâmica porcelana, faiança, ~~xxxxxxx~~ numerar no próprio objeto, em lugar discreto, com tinta nanquim preta, passando antes e depois da numeração uma camada de verniz incolor. Para objetos escuros, usar guache branco, passando igualmente, antes e depois da numeração verniz incolor. Tecidos, Tapetes, Tapeçarias, peças de vestuário, usar etiquetas de ~~xxxxxxx~~ cadarço com nº aplicado em tinta preta e costurada na peça.

Desenhos, estampas, documentos numeram-se com tinta nanquim no verso, no alto à esquerda. Para cestaria, objetos de fibra, armas, moveis, usar pedaço de latão com nº batido.

MODOS TEMPORÁRIOS DE NUMERAÇÃO - usados em coleções depositadas ou emprestadas - Etiquetas de papel.

MÉTODOS DE DETERMINAÇÃO DA NUMERAÇÃO - Numeração tripartida

O I N V E N T Á R I O

DEFINIÇÃO : o inventário museográfico tem por objetivo assegurar a preservação da identidade dos objetos adquiridos para o museu.

É portanto, o " instrumento de garantia " do patrimônio de um museu. Todo retardo na elaboração do inventário pode ocasionar confusão e dificuldade na identificação das peças.

Existem 3 tipos de inventários : a) registro geral em folhas fixas b) registro geral em folhas soltas, c) fichas.

CONSIDERAÇÕES GERAIS : Papel empregado deve ser de boa qualidade quimicamente neutro, para evitar amarelamento; artigos e rubricas escritos de maneira legível, com tinta que não risque nem se altere com o tempo : nanquim

Rasuras, colagem, processos químicos de apagar não são permitidos. Num livro de registro os únicos riscos ou adendos tolerados são os feitos pelo Conservador e reconhecidos por ele como indispensáveis e serão redigidos em tinta de outra cor.

VANTAGENS REGISTRO EM FOLHAS SOLTAS - utilização da máquina de escrever o que assegura a execução de uma cópia que constituirá o exemplar de segurança do inventário; facilidade de manuseio; uniformidade de escrita (caligrafia)

DESVANTAGENS DO REGISTRO EM FOLHAS FIXAS - só pode ser feito à mão exigindo muito tempo e uma inevitável diversidade de caligrafias, o que quebra a uniformidade que deve presidir o inventário.

4º PONTO (cont...)

Quantos e quais são as rubricas de um inventário .

INVENTÁRIO COLEÇÕES "DEPOSITADAS " - mesmos métodos de determinação de numeração usado para coleções adquiridas ou doadas, salvo no tocante ao uso de etiquetas : que devem ser provisórias ; nunca numerar no próprio objeto, indispensável utilização de um sinal destinado a impedir confusão com os numeros das coleções adquiridas. Em geral é a letra D colocada antes do nº de inventário e o registro é feito em livro à parte .

Artigos e rubricas das coleções " depositadas " .

Capas dos livros de registro .

Fichas .

Uma vez formada as coleções do Museu é preciso organizar a sua exposição pois a tarefa principal de um museu é se ocupar de objetos e de expô-los . O termo exposição está ligado à idéia de uma apresentação significativa e orientada segundo um fim preciso . Este " fim " varia de acôrdo com a natureza do museu e poderíamos chamá-lo , mais precisamente , de " programação " da exposição .

Toda mostra museológica , seja ela permanente ou temporária, terá obrigatoriamente um programa de apresentação . Esta necessidade de " objetivo " prende-se ao fato de que toda exposição tem, igualmente um fim educativo, deve ensinar algo, trazer uma mensagem cultural .

PRINCÍPIOS GERAIS DE APRESENTAÇÃO -Escolhido o tema e os objetos que vão " visualizar " a idéia, como distribuí-los no interior dos mostruários .

Para a colocação razoável e estética dos objetos não há dogmas a estabelecer - cada caso é especial - contudo algumas observações de ordem prática podem e devem ser sugeridas .

ESCOLHA E DECORAÇÃO DAS SALAS DE EXPOSIÇÃO - Evitar-se as salas de demasiadamente ricas, com decorações exuberantes que leve o visitante a ficar encantado com as salas esquecendo-se de observar com atenção requerida as coleções expostas . Os ambientes de " estilo " não se prestam para apresentações museológicas.

As salas devem ser sóbrias e as paredes podem ser :

- pedra natural (o fundo ideal e apropriado para esculturas)
- de madeira (lambris)
- de papel (revestimento)
- pintada (a óleo fôsko e em côres pasteis neutras)

OBJETOS E MATERIAL DE EXPOSIÇÃO - O modo de exposição dos objetos é um dos problemas fundamentais no museu, a vitrine deve ser bem equilibrada e para isto convem observar-se :

- os objetos considerados mais importantes (pelo valor intrínseco da própria peça) - rara ou em relação à programação adotada) devem ser colocadas em evidência e a melhor maneira de fazê-lo é isolar o objeto dos demais ;

- atender-se do tamanho dos objetos em relação à vitrine e em relação à sala ;
- atender-se sempre que possível , ao efeito estético do objeto;
- atender-se ao arranjo das salas de exposição de modo a evitar-se a colocação nas mesmas de tudo que, não fazendo parte das coleções, possa distrair a atenção do visitante (termômetros relógios, calendários)
- procurar-se expôr os objetos dentro de uma certa simetria .

A simetria comporta um eixo (que geralmente é utilizado para evidenciar a obra principal) e dois lados que se correspondem e que permitem sub-divisões variadas .

- é preciso grupar-se os objetos por épocas, por assunto, por técnicas, evitando-se aproximarem-se obras díspares ;

5º PONTO (2)

- atender-se a facilidade de exame do objeto por parte do público ;
- atender-se a apresentação de objetos íntegros, sob o ponto de vista da sua constituição física ;
- no caso de apresentação de objetos restaurados ou de cópias de originais, fazer-se a devida ressalva ;
- apresentar os objetos de maneira " funcional ", isto é, tanto quanto possível dar uma idéia dinâmica da peça, apresentá-la em posição de uso .

T I P O S - Encaradas sob o ponto de vista da estabilidade as exposições podem ser : permanentes e temporárias

EXPOSIÇÃO PERMANENTE - como o nome indica é aquela que se realiza por longo período de tempo e abrange grande parte das coleções .

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA - é aquela que se realiza durante curtos períodos que podem oscilar entre meses e dias mas sem o caráter de permanente . As exposições temporárias terão vantagens que as justifiquem ?

- a) vantagens para o museu - que pode expôr suas coleções de reservas, atingindo melhor o objetivo educativo ;
- b) vantagens para o público - que tem oportunidade de visitar mais vezes o museu e ampliar seus conhecimentos .

Quais os objetos utilizáveis neste tipo de exposições ?

- 1) objetos pertencentes exclusivamente ao museu ;
- 2) objetos de vários museus ;
- 3) apresentação combinada de objetos do museu e de particulares ;
- 4) apresentação exclusiva de coleções particulares .

LOCAL - Onde devem se realizar as exposições temporárias ?

- 1) na sede do próprio museu que organiza a exposição ;
- 2) fora do museu, mas na mesma cidade ;
- 3) fora do museu e da própria cidade. Neste caso será constituída de objetos duplicatas , reproduções fotográficas ou moldes dos originais existentes no museu ;
- 4) em veículos adequados : " museu-onibus "

TIPOS EXPOSIÇÕES TEMPORARIAS : Ocasionais - Periódicas (bienal)-
Cíclicas - Itinerantes .

ESCOLHA DO TEMA DA EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA : são temas gerais de interesse público .

DEFINIÇÃO : No seu duplo papel de proteção e apresentação de objetos, a vitrine é um dos elementos essenciais do equipamento de um museu .

FINALIDADE		proteção	OBJETOS
		apresentação	

FUNÇÃO		Econômica
		Estética

Proteção		Pocira
		Insetos
		Clima
		Público
		Roubo
		Incêndio

F U N Ç Ã O

ECONÔMICA

Accessibilidade

Flexibilidade

	interna
	externa

Conforto do Visitante

	visual
	muscular

Transporte
Fabricação
Arrumação

F U N Ç Ã O

ESTÉTICA

OBJETIVO : colocar em valor os objetos

PRINCIPIO

DE

DISCREÇÃO

-	elementos constitutivos da vitrine não venham ser obstáculos à percepção dos objetos .
-	rigorosa seleção na escolha dos materiais de revestimento, tanto internos como externos ;
-	aspecto fôco de preferência
-	eliminação de cromados

O PROBLEMA DAS

CÔRES

	objetos acromáticos
-	côres vivas .
	objetos coloridos
-	côres claras em tons pasteis .
	cuidado emprego
	côres neutras

6º PONTO (2)

<u>FUNÇÃO</u>	Iluminação	melhor luz - a natural
		iluminação artificial
<u>ESTÉTICA</u>		fonte próxima no interior da vitrine
(cont...)		fonte à distância - praxeos .
	Composição da Vitrine - em função lógica da temática .	

CONCLUSÕES : Em que medida as vitrines são necessárias e úteis em que medida podem e devem ser dispensadas .

<u>VITRINES</u> (TIPOS)	Podemos distinguir 4 tipos fundamentais :	
	1) vitrines -mesas	
	2) vitines verticais	isoladas encostadas embutidas
	3) vitrines com desdobramentos	
	4) vitrines depositos .	

I L U M I N A Ç Ã O

è o problema mais importante e delicado em Museu, porquanto luz excessiva ou insuficiente, efeitos de reflexão, são deficiências que resultam de instalações mal feitas .

Iluminar bem não constitui apenas uma técnica , é antes de tudo do problema científico , dado os estragos que pode ocasionar nas coleções o uso excessivo da luz seja ela natural ou artificial .

O problema da iluminação é multiforme e particular a cada tipo de museu ; necessitando a colaboração de técnicos em iluminação, contudo alguns princípios gerais podem e devem ser enunciados para orientação do Conservador .

Tomos a considerar como elementos do problema :

- 1) NATUREZA DA LUZ - escolha genérica da luz : natural ou artificial . Ambas tem suas vantagens e desvantagens

6º PONTO (3)

NATURAL

DESVANTAGENS - caprichosa e inconstante, variando sua quantidade e intensidade em função das estações do ano (~~xã~~ a duração de cada dia) dos dias (de sol, de chuva, de nevoeiro) das horas do dia, da localização das salas (ao sul, ao norte) Problema dos textéis .

VANTAGENS - é ideal para esculturas, a melhor para observação da pintura, a preferível para a cerâmica .

ARTIFICIAL

VANTAGENS - é constante e permite obter efeitos espetaculares de iluminação (perigo desvirtuar a obra de arte) .

DESVANTAGENS Luz incandescente prejudica a visão normal das côres; a fluorescente altera os tons

2) QUALIDADE DA LUZ - Luz natural ou artificial são ambas suscetíveis de várias modalidades de aplicação . LUZ NATURAL - pode aproveitar-se direta ou lateralmente ; através de janelas ou paredes envidraçadas ; indireta ou verticalmente luz difusa, luz por reflexão, luz zenital, através de dispositivos vários prevlecendo o sistema de claraboia, esteira de vidro ou " velarium " .

LUZ ARTIFICIAL - pode aproveitar-se para os museus por incandescência, através da iluminação elétrica vulgar; por fluorescência através de tubos .

3) GRADUAÇÃO DA LUZ - a quantidade da luz a fornecer constitui problema igualmente importante . O princípio da iluminação consiste em evitar-se enviar luz demasiadamente forte ou fraca; o suficiente à percepção dos objetos e leitura dos textos .

A tonalidade da luz projetada é outro fator a ser considerado. Não deve prejudicar, nem alterar o colorido dos objetos, nem modificar os ambientes de iluminação criados pelo artista ao pintar o quadro (efeitos de luz e sombra) .

A solução recomendada é a de utilizar-se sempre que as condições o permitam, o aproveitamento da fonte luminosa, seja ela natural ou artificial, de maneira indireta .

Neste capítulo da iluminação não há regra única ; o Conservador deve adotar métodos de iluminação racionais e variados, de acordo com a natureza do objeto a ser exposto, porquanto um tipo invariável de iluminação, embora satisfatório, por uma série de salas do museu, chega a ser deprimente, monótono, fatigando o visitante.

CONCLUSÕES .

Duas teses, antagônicas, se confrontam dentro da Museologia no que se refere ao uso de etiquetas e legendas. Estudos sobre o comportamento dos visitantes em exposições, têm revelado que, mesmo numa sociedade instruída, a maioria dos visitantes não lêem textos.

Maneiras de remediar esta aversão natural à leitura de textos explicativos, principalmente se forem demasiadamente longos e com termos técnico-científicos ↓

- 1) visita comentada
- 2) visita radio-guiada .

Na maioria dos casos terá o Museu que recorrer ao uso de etiquetas. Como redigi-las, torná-las atróntes e prender a atenção dos visitantes. Primeiramente distinguir uma legenda e uma etiqueta .

ETIQUETA - tem por objetivo identificar e rotular o objeto; como tal tem redação mais resumida, em estilo telegráfico, contendo sómente informações essenciais sobre o objeto : nº registro, nome do objeto, procedência, modo de aquisição, se é original, cópia ou peça restaurada. Citar exemplos . Quando se expõe conjunto de objetos pode-se usar etiqueta cumulativa .

LEGENDA - tem por objetivo ~~xxxxxxxxxxxx~~ dar explicações sobre o objeto e situá-lo dentro da programação ideológica da exposição . É geralmente redigida em forma de artigo , isto é, compreende um título para cada parte da exposição e um sub-título ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ explícito . O texto nunca deve exceder a 175 palavras . A legenda é feita especialmente para o público , não é destinada a técnicos ou cientistas ; por isso deve ser redigida evitando-se o uso exagerado de termos técnico-científicos, com redação acessível ao público .

REALIZAÇÃO PRÁTICA DAS LEGENDAS

Papel empregado de boa qualidade para evitar o amarelamento, podendo ser colorido em cor complementar à coloração geral da exposição. Textos escritos à máquina, com caracteres maiúsculos ou compostos com jogos de letras recortadas em papelão, madeira ou plexiglass ou ainda impressos .

A execução material das legendas, estará intimamente ligada às condições econômicas do museu .

Maiores recursos, melhores possibilidades do emprego de materiais modernos e adequados .

Tarefa antiga dos museus	aquisição conservação	COLLEÇÕES
--------------------------	--------------------------	-----------

Tarefa atual dos museus - sentido e valor dos objetos com vistas à educação .

Transformação que se operou lenta e gradativamente e até hoje encontramos instituições que teimam em não ~~evoluir~~ evoluir...

EDUCAÇÃO NA SUA ESSÊNCIA	Fazer compreender o interêsse, o sentido, e o valor das cousas ; neste caso é inevitável que o museu exerça ação educativa .
-----------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Para os que confundem educação com ensino = meio de transmitir informações concretas de pessoa à pessoa; de geração à geração = museu é encarado como simples centro de informação .

Para os que acham que educação tem sentido mais amplo = ensina o individuo a desenvolver seu saber e o habitua a raciocinar = o museu é útil pois suas exposições não se limitam a mostrar objetos, mas indicando as relações existentes entre os objetos obrigam o individuo à reflexão, observação precisa e dedução lógica .

Educação visa tudo isto e muito mais : o completo desenvolvimento do ser humano e como tal não pode suprimir o testemunho concreto dos objetos reais como meio educativo .

Hojse não se discute mais a estreita relação que deve existir entre museu-escola para fins de educação . Como se fará esta educação é que analisaremos aqui .

ONDE EDUCAR NO MUSEU ?

ATIVIDADES INFORMAIS
DE EDUCAÇÃO NO MUSEU

- A técnica museográfica adequada
- A programação bem elaborada
- A excelência dos serviços de atendimento público (qualidades de cortezia e amabilidade do pessoal)
- Qualidade técnica das instalações
- Apresentação tipográfica dos textos .

No próprio Museu	visita comentada ou radio guidada. conferências filmes e projeções
------------------	-----------------------------------------------------------------------------

Expsições itncrantes

Fora dele

ATIVIDADES
INTENCIONAIS
DE
EDUCAÇÃO
NO
MUSEU

Empréstimos (qualidade)	interêsse verdade simplicidade pitoresco
----------------------------	---------------------------------------------------

7º PONTO (2)

QUEM DEVE EDUCAR NO MUSEU ?

Pessoal especializado em educação - Formação pedagógica - qualidades pessoais, compreender que não é mestre dando aula, ~~em~~ nem conferencista mostrando saber e competência, mas pessoa que deve estimular o pensamento do visitante, provocar questões, despertar interesses . Afabilidade e cordialidade aliadas ao desembaraço de manieras e arte de falar claramente .

Como resolver este assunto PESSOAL = é da cooperação entre museus e autoridades do ensino que se resolverá o problema . A maneira de fazê-lo dependerá dos regimens administrativos das instituições ou govêrnos concedendo subvenções para fins educativos ou autoridades do ensino colocando à disposição dos serviços educativos do Museu pessoal qualificado e com prática no ensino .

COMO A EDUCAÇÃO DEVE SER DADA ?

Logo que se tenha estabelecido um programa de atividades educativas deve-se ter em conta 2 pontos básicos : 1) essas atividades não são fim mas apenas meios de ampliar conhecimentos e elas não substituem o ensino do mestre ; 2) quanto mais essas atividades se afastarem do domínio das "interrogações orais" maior o seu valor educativo . Dirigindo-se a mostra museológica primeiramente à percepção visual os métodos de interpretação e explicação que melhor convêm são, também, os métodos visuais .

Além disso :

- 1) objetos apresentados de maneira clara e coerente ;
- 2) manuseio efetivo dos objetos , sob vigilância
- 3) utilização das duplicatas
- 4) emprego de reproduções
- 5) publicações para público .